

# Caymmi sem mitos

Neta do compositor admite em biografia que o avô é mulhengo, mas nega que seja preguiçoso

SILVIO ESSINGER

Em 1939, ele pôs a Bahia no mapa da música brasileira – e mais tarde mundial – com o samba *O que é que a baiana tem*, cantada por Carmen Miranda (que, portuguesa de nascimento, acabou virando a baiana, com chapéu de frutas e balangandãs). Tinha então 24 anos (e estava há menos de um ano no Rio de Janeiro) o baiano Dorival Caymmi, que entrou pelas décadas seguintes compondo e gravando um punhado de sucessos que acabariam incorporados ao patrimônio inoxidável da música brasileira. Um eram as chamadas *praieiras* (uma especialidade sua), caso de *É doce morrer no mar*, *O mar e Promessa de pescador*, frutos de sua íntima e apaixonada ligação com a natureza. Outras cantavam as belezas de sua Bahia, como *O samba da minha terra*, *Maracangalha*, *Saudade de Itapoã* – nenhum compositor foi tão universal sendo tão regional. E há ainda as que falam de amor, como *Marina*, *Doralice*, *Só louco*, entre outras, tão célebres quanto. Hoje, aos 87 anos, depois de tantas contribuições para a MPB, Dorival descansa. E quem trabalha é sua neta Stella, 39, que lança nesta segunda-feira, no Consulado de Portugal, *Dorival Caymmi: o mar e o tempo* (Editora 34, 648 páginas), extensa e cuidada biografia sobre o avô.

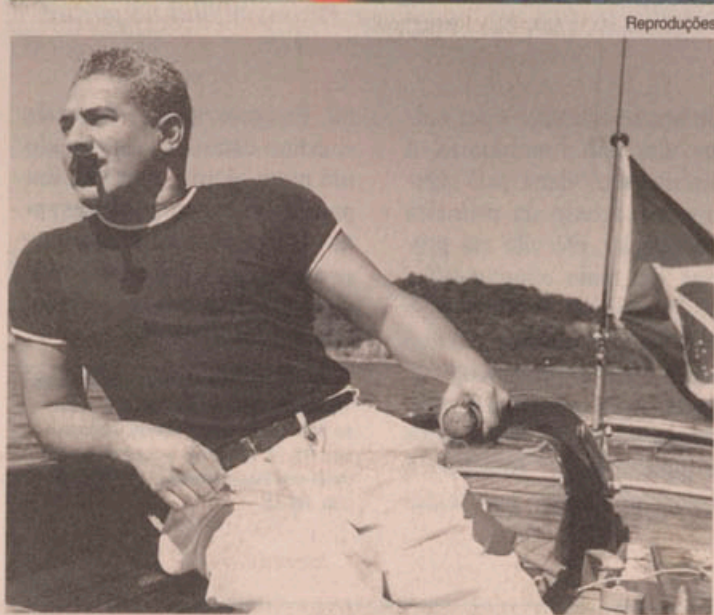
Com mãe (Nana Caymmi) e tios (Dori e Danilo) músicos, era esperado que Stella fosse pelo mesmo caminho. Em 1980, ela chegou a ter uma música gravada pela mãe (*Fantasia (minha realidade)*), que assinou apenas como Stella). Acabou jornalista e, segundo o avô, desde cedo tudo indicava que seria sua biógrafa. O compositor conta que, enquanto as outras crianças iam à praia, em Rio das Ostras, Stellinha ficava em uma garagem, onde estavam os guardados do avô, e depois o enchia de perguntas. Dez anos atrás, ela decidiu, enfim, escrever a biografia, ciente do trabalho e das cobranças que viriam pela frente. “Apesar de ter vivido sempre entre músicos, não sou especializada em música”, diz. “Procurei dar uma visão jornalística, sem aquela falsa posição de que não sou neta de Caymmi.”

**Bronca de Jobim** – Em *Dorival Caymmi: o mar e o tempo* (que será lançado às 19h, com show do grupo do baterista Ricardo Costa, presença de Dorival e de toda a família, menos Dori), está a história dos Caymmi desde o avô de Dorival, Henrique, pai de seu pai, o boêmio Durval. Com fartura de fotos, Stella conta as aventuras do baiano fascinado pelo mar, pela música e pelo povo, que, com suas canções de bem fincadas raízes, singrou pela era do rádio, antecipou a bossa nova (com a voz arejada e o violão de harmonias alteradas) e por ela foi acolhido, além de ainda ter entrado pela década de 70 com imortais composições para as novelas, principalmente as baseadas em livros do amigo e conterrâneo Jorge Amado, como *Gabriela*.

Mas nem tudo foi glória para Dorival Caymmi, como Stella faz questão de ressaltar – estão lá os relatos sobre os casos extra-conjugais (que não raro acabavam em sopa-



Olavo Rufino – 21/04/94



Reproduções

pos da mulher, a ex-cantora Stella Maris, até hoje ao seu lado), os excessos alcoólicos na década de 50 e o reconhecimento de que, no início, Dorival hesitou em apoiar as carreiras musicais dos filhos – Tom Jobim teve que dar uma bronca nele para convencê-lo de que Dori era um talento. “A família não tem frescuras, suas tripas estão aí para quem quiser vê-las”, diz Stella, que buscou corrigir muitas das lendas sobre o avô. Uma delas refere-se a Carmen Miranda. Incontáveis foram os casos amorosos de Caymmi, sim. “Mas não houve nada com a Carmen”, garante.

Outro mito que ela pretende derrubar é o de que Dorival Caymmi gosta de rede e é preguiçoso. “Ele trabalhou feito um mouro nas décadas de 40 e 50”, diz. O manso biografado considera essa uma das “gracinhas” feitas a seu respeito. “umas músicas a gente faz de chofre, noutras você tem dúvida e pára”, diz. Mas *João Valentão*, que ele levou nove anos para terminar, virou folclore. “Isso acontece comigo e com outros compositores. Mas ninguém conta que deixou uma tarefa para depois”, conta.

**Inéditas** – Segundo Stella, não poderia haver melhor biografado do que Dorival Caymmi. Além de contar tudo, até as

passagens mais espinhosas com naturalidade em mais de 80 entrevistas (“Nada para ele é extraordinário, tudo é humano”, conta), ele guardou todas as suas agendas – um misto de registros de compromissos e diário – desde a década de 30. A neta ainda ouviu vários parentes e amigos de Caymmi (como Jorge Amado, Millôr Fernandes, Tônia Carrero e o pintor Carybé). Conseguiu falar até com o prodígio de reclusão chamado João Gilberto (o único intérprete de suas músicas aprovado incondicionalmente por Caymmi). “João falou algumas coisas lindas sobre a vovó, sobre como adorava a voz dela. Mas na hora de falar sobre vovó, travou, disse que era impossível”, conta.

Stella reviu com o avô todas as letras citadas no livro e teve a ajuda de pesquisadores como Jairo Severiano (que assina o prefácio do livro) para organizar uma extensa discografia “essencial”. Depois de tanta pesquisa, garante: em seus mais de 60 anos de carreira, o avô compôs 120 músicas ao todo (ou seja: uma média de duas por ano). Destas, restam 16 inéditas, uma delas só no Brasil: *Por quê?*, uma homenagem ao Rio de Janeiro, foi gravada pelo francês Jean Sablon em 1949. (Continua na página 3)



Dorival Caymmi em dois momentos junto ao mar: biografia acompanha a história da família desde os tempos de seus antepassados e resalta que o baiano, apesar de vários casos extra-conjugais, nunca teve um romance com Carmen Miranda

presentesdenatalfnac

você nem abriu, e já adorou.

MAIS DE 5.000  
TÍTULOS DE  
DVDs E VHS

MAIS DE  
100.000  
TÍTULOS  
DE CD

mais de 100.000 títulos de livros nacionais e importados • mais de 100.000 títulos de CDs, DVDs e VHS • foto • TV • vídeo • som • informática • telefonia • papelaria • cybercafé

FnacPinheiros  
Av. Pedroso de Morais, 858  
Pinheiros - São Paulo  
(11) 3097 0022

FnacBarra  
BarraShopping  
Nível Lagoa - Rio de Janeiro  
(21) 2431 9292

www.fnac.com.br



# Gafes com bom humor

'Plantão de notícias' volta à TV para apontar as mancadas jornalísticas

ANA CECILIA MARTINS

A manchete de um jornal de Alagoas dizia: "ONU quer Antártica como reserva ecológica". Ao lado, a foto de uma garrafa da cerveja homônima ilustrava a matéria. O troço foi motivo de muito riso. Essa é uma história conhecida no *métier* e freqüentemente lembrada por Maurício Menezes, jornalista que se dedica há mais de 10 anos a colecionar os escorregões dos colegas que trabalham em televisão, rádio e mídia impressa. O repertório de gafes já foi apresentado em rádio, shows e TV. A partir de hoje, a 0h20, *Plantão de notícias* volta à te-

levisão, em programa regular na Band, toda sexta-feira.

"A intenção é sempre a brincadeira. Não quero caçoar do jornalismo, até porque não iria dar um tiro no pé. O que procuro fazer é mostrar o lado humano da profissão, que tem que lidar com muitas informações em pouco tempo", diz Maurício. Essa espécie de *hobby* do jornalista, que trabalhou na Rádio Globo e no jornal *O Estado de São Paulo*, começou em 1990, mais precisamente durante o seqüestro de Roberto Medina. "Estava cobrindo o caso e tinha, como outros repórteres, que ficar de plantão em frente a casa do empresário, na Barra da Tijuca. Não tínhamos

nada para fazer, então resolvi levar recortes de jornais, fotografias e gravações de rádio curiosas e engraçadas para nos divertirmos", conta Maurício. Em pouco tempo, a brincadeira virou mania. "E o lugar virou *point*. Teve um fim de semana que um jornalista de folga apareceu por lá com a namorada só para ouvir as histórias", lembra.

**O terror** – Dezesseis dias depois, Roberto Medina já liberado, desfez-se o ponto de encontro. "Mas não a brincadeira", diz Maurício, que passou a levar a missão a sério. Hoje, uma rede de jornalistas em todo o país colabora com Maurício enviando recortes, gravações e relatos de casos. Essas fontes

alimentam o *Plantão de notícias*. O programa, que terá uma hora de duração, é dividido em blocos, como o *Jornal dos jornais*, que repassa as melhores mancadas da imprensa; o *Bola murcha*, uma sátira aos debates esportivos; e *Delegacia 171*, que faz uma crítica ao excesso de dramatização nas reportagens policiais.

Maurício já foi chamado de "O terror da imprensa", mas garante que nunca se desentendeu com nenhum companheiro de profissão. "O jornalista é um profissional que gosta de contar os próprios erros. Acho que por ter um senso de democracia e autocrítica", diz. "Não somos infalíveis. Ninguém é."

# Mais tempo nas montanhas

Continuação da capa

Por telefone, de seu apartamento em Copacabana, Dorival Caymmi se diz satisfeito com o resultado do livro *O mar e o tempo*, que, por razões de saúde, não vai poder divulgar em viagens à Bahia ou a São Paulo. "Recebi um aval dos médicos, mas vi que não era possível", conta. Ele sofre de osteoporose e de uma catarata que o obriga a usar duas lentes para a leitura (atividade que se recusa a abandonar) e há dois anos retirou um rim. "Vovô vive fugindo dos médicos", acusa Stella. No fim do ano passado, contudo, ele ajudou a divulgar a caixa *Caymmi amor e mar*, que reúne seus discos para a Odeon.

Cada vez mais o compositor das *praieiras* tem passado bem longe do mar, na cidade de Pe-



Caymmi, Carmen Miranda e Assis Valente: era de ouro do rádio

Reprodução

queri, em Minas Gerais, onde nasceu a mulher. "Gosto da paisagem de montanha, quando o lugar é saudável eu me sinto bem", diz. Longe da vida social, ele parece ter preferido guardar a Bahia na memória – foi a Salvador pela última vez em 1996. Por causa da saúde frágil, Caymmi teve até mesmo que cancelar a presença nas homenagens prestadas a ele este ano no carnaval soteropolitano. "Salvador está muito diferente", diz. "Mas a Lisboa que eu conhecia do fado, do vinho, da mouraria e de Amália Rodrigues também não é mais a mesma. É do supermercado, do shopping center e da juventude esportiva." Stella compreende o avô: "Ele tem uma memória tão profunda da Bahia que se nutre disso. Acho que já colecionou todas as figurinhas." (S.E.)

Vinicius HOJE E AMANHÃ CARLINHOS VERGUEIRO TERÇA - KAY LYRA  
Rua Vinicius de Moraes, 39 - Ipanema - Tels.: 523-4757 e 287-1497

Cobre até atacante que não volta para marcar.

Caderno de Esporte. Toda segunda, no seu Jornal do Brasil.

Ligue e anuncie: 2516-5000

JORNAL DO BRASIL

www.jb.com.br

TV/ TEATRO/ CINEMA  
INTERPRETAÇÃO  
Jovens profissionais,  
profissionais em formação,  
iniciantes ou amadores.  
AULAS PARTICULARES  
ou até 3 pessoas.  
COM FLÁVIO SÃO THIAGO  
Tel.: 2287-6109

TODO MUNDO ATRÁS DELES:  
A POLICIA E UMA LEGIAO DE FAS.

BRUCE WILLIS  
BILLY BOB THORNTON  
CATE BLANCHETT

EM CARTAZ NOS CINEMAS

SEU FIM DE SEMANA COMEÇA AQUI.

Revista Programa. Toda Sexta-feira, no Jornal do Brasil.

LIGUE E ANUNCIE  
(21) 2516-5000

JORNAL DO BRASIL

www.jb.com.br